
Dossiê: Fascismos, 100 anos depois

<https://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.37336>

Fascismo além das fronteiras europeias? Ação Integralista Brasileira e o fascismo no Brasil*

Fascism outside Europe's borders? Brazilian Integralist Action and Fascism in Brazil

¿El fascismo más allá de las fronteras europeas? Acción Integralista Brasileña y el fascismo en Brasil

Gabriela de Lima Grecco**

<https://orcid.org/0000-0002-7137-5251>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o surgimento e o desenvolvimento do maior movimento fascista na América Latina: a Ação Integralista Brasileira. Para tanto, em um primeiro momento, realizar-se-á uma aproximação em relação aos debates historiográficos sobre a existência ou não do fascismo extra-europeu. Posteriormente, faz-se necessário discutir, a partir dos debates mais atuais na chamada escola de “estudos sobre fascismo”, o surgimento da Ação Integralista Brasileira à luz da interpretação do historiador Roger Griffin sobre modernismo e fascismo. Para finalizar, analisar-se-á a construção e as principais ideias do movimento signatário para, então, concluir, com uma reflexão sobre a existência e desenvolvimento do integralismo pós-guerra.

Palavras-chave: Fascismo. Ação Integralista Brasileira. Modernismo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the emergence and development of the largest fascist movement in Latin America: the Brazilian Integralist Action. For that, at first, an approximation

* Trabalho financiado pelos projetos *Identidades en movimiento. Flujos, circulación y transformaciones culturales en el espacio atlántico (siglos XIX y XX)* (Referência: PID2019-106210GB-I00) e *The authoritarian context of Iberian Political History in the first half of the 20th century* (Referência: 19KK0329). Além disso, as imagens utilizadas neste artigo pertencem ao DELFOS- Espaço de Documentação e Memória Cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e foram cedidas de modo gratuito e exclusivo para esta publicação.

** Doutora em História Contemporânea pela Universidade Autónoma de Madrid. Atualmente é Professora Associada da Universidade Complutense de Madrid (*Profesora Ayudante Doctora*), no Departamento de História Moderna e Contemporânea (Faculdade de Geografia e História). E-mail: gadelima@ucm.es

will be carried out in relation to the historiographical debates about the existence or not of extra-European fascism. Subsequently, it is necessary to discuss, from the most current debates in the so-called “school” on “studies on fascism”, the emergence of the Brazilian Integralist Action in the light of the interpretation of the historian Roger Griffin on modernism and fascism. Finally, the construction and main ideas of the integralist movement will be analyzed and, then, conclude with a reflection on the existence and development of post-war integralism.

Keywords: Fascism. Brazilian Integralist Action. Modernism.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar el surgimiento y desarrollo del mayor movimiento fascista de América Latina: la Acción Integralista Brasileña. Para ello, en un primer momento, se realizará una aproximación en relación con los debates historiográficos sobre la existencia o no del fascismo extraeuropeo. Posteriormente, es necesario discutir, a partir de los debates más actuales en la llamada “escuela de estudios sobre el fascismo”, el surgimiento de la Acción Integralista Brasileña a la luz de la interpretación del historiador Roger Griffin sobre el modernismo y el fascismo. Finalmente, se analizará la construcción y las ideas principales del movimiento integralista para, luego, concluir con una reflexión sobre la existencia y desarrollo del integralismo en la posguerra: el neointegralismo.

Palabras clave: Fascismo. Acción Integralista Brasileña. Modernismo.

Como citar este artigo:

Grecco, Gabriela de Lima. “Fascismo além das fronteiras europeias? Ação Integralista Brasileira e o fascismo no Brasil”. *Locus: Revista de História*, 28, n. 2 (2022): 202-222.

Introdução

A Primeira Guerra Mundial representou uma recomposição do panorama político, social e cultural no continente europeu e americano, através de uma ampla politização da sociedade civil e da irrupção de novas forças políticas e ideológicas. Após o triunfo bolchevique em 1917, o comunismo emergiu como um novo modelo político-ideológico a nível mundial, construindo-se como o principal adversário da direita antiliberal. Em linhas gerais, pode-se afirmar que os acontecimentos políticos, que abalaram o início do século XX, tiveram uma clara influência na crise generalizada das democracias liberais ocidentais e, por outra parte, no surgimento de um movimento político revolucionário na Rússia. Neste sentido, formações políticas antissistema (ou seja, antiparlamentares, antidemocráticas e antiliberais) foram criadas em quase toda a Europa e em

alguns países da América Latina, o que implicou em um impacto crescente no debate público e na construção de discursos e partidos políticos de extrema-direita. Como muitos outros países, o Brasil viveu essa experiência.

Muitos dos movimentos que surgiram durante o período entreguerras fazem parte desses discursos e práticas que buscaram dar uma resposta das elites à crise do liberalismo, somado ao surgimento do movimento comunista. Foi uma resposta autoritária que buscou reestruturar as relações entre setores da sociedade civil e do Estado. Na Itália, de forma mais decisiva, esses projetos foram materializados em um novo regime, o qual se configurou como um primeiro ensaio de método político autoritário e revolucionário da direita radical: o fascismo. Nesse contexto, em 1922, com a chegada de Benito Mussolini ao poder, novas políticas foram colocadas em prática. Com efeito, dada a importância transcendental deste fenômeno, 100 anos depois da “Marcha sobre Roma”, ainda se faz necessário aprofundar nos estudos sobre fascismo intra e, sobretudo, extra-europeus. Neste sentido, o presente artigo busca analisar – a partir de uma leitura crítica da bibliográfica clássica, mas também atualizada – e refletir sobre a criação do maior movimento fascista além das terras europeias: a Ação Integralista Brasileira (AIB).

Para compreender o desenvolvimento do fascismo brasileiro, em um primeiro momento, discutiremos sobre as razões do surgimento de movimentos fascistas no continente americano, mostrando as principais discussões historiográficas sobre este tema. Em um segundo momento, conectaremos o surgimento da Ação Integralista Brasileira e do movimento modernista com a interpretação do historiador Roger Griffin (2010), cujo foco está centrado nas relações existentes entre o modernismo e o fascismo. Para finalizar, analisar-se-á a construção e as principais ideias do movimento signatário para, então, concluir, com uma reflexão sobre a existência e desenvolvimento do integralismo pós-guerra.

Fascismo extra-europeu?

O fascismo não foi um fenômeno político-ideológico exclusivamente europeu, mas sim um movimento transnacional, tendo um impacto importante na América Latina. No entanto, muitos historiadores, como Stanley Payne em sua obra *Fascismo* (2014), defendem a inexistência do fenômeno fascista extra-europeu. Para Payne (2014, 210), “na América Latina havia apenas alguns movimentos especificamente fascistas”, e, por isso, deveria ser considerado um “fenômeno histórico fundamentalmente limitado à Europa durante a era das duas guerras mundiais” (2014, 221). Ao contrário dos argumentos sustentados por teóricos como Stanley Payne (2014), Ernst Nolte (1966), Emilio Gentile (2002), Robert Paxton (2007) ou Renzo de Felice (1975), – que

identificam o fascismo como um fenômeno europeu – consideramos que o fascismo, sim, desenvolveu-se no continente americano. Foi, nesse sentido, um movimento profundamente enraizado em traços socioeconômicos, étnico-culturais e políticos latino-americanos, configurando-se como uma variante local de um movimento transnacional originado no auge do período entreguerras. Podemos afirmar, então, que o fascismo teve uma base ideológica e um núcleo intelectual comum, mas também diferentes articulações históricas e mutações nacionais.

De acordo com o historiador Federico Finchelstein (2019, 84), “é bastante curioso que os estudiosos da história europeia estejam dispostos a estudar a circulação global do liberalismo e do marxismo, mas quando confrontados com o envolvimento europeu com as trocas fascistas globais preferem evocar uma abordagem mais eurocêntrica”. Desta forma, a historiografia atual deve refletir sobre o seu eurocentrismo e, conseqüentemente, reconhecer o fascismo como um fenômeno transnacional e, portanto, transatlântico. E, para isso, como ressaltou Constantin Iordachi (2010: 40), “os estudos fascistas recentemente se beneficiaram de uma injeção de novos métodos de abordagem da história global, continental ou regional a partir de perspectivas transnacionais, como a história mundial, a história compartilhada ou a *entangled history*”.

Em um contexto global de descrédito do sistema liberal, que apontava para a afirmação do totalitarismo como um novo modelo emergente, a gênese do fascismo na América Latina foi justificada pela constatação da falta de soluções imediatas para a experiência liberal e republicana. De fato, a América Latina foi uma região onde o fascismo foi um ingrediente fundamental na implantação de novas opções no campo político no período entreguerras. Embora muitos dos regimes pós-liberais tenham incorporado alguns de seus símbolos, como aconteceu com os de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, nenhum desses projetos autoritários pode ser facilmente categorizados como fascistas. Houve, no entanto, movimentos *realmente* fascistas, embora não tenham alcançado o poder.

Para o historiador britânico Roger Griffin, a *Era Fascista* significou, geograficamente, o surgimento de modelos fascistas que foram emulados – parcial ou semioticamente – e, por outro lado, tiveram uma dimensão imaginária, de criação de imaginários utópicos, internalizados e sonhados por milhões de pessoas ou líderes políticos atraídos pelo fascismo. Dessa forma, como resultado, “coexistiram fundamentalmente diferentes maneiras de mapear subjetivamente o mundo em termos de valores de forças positivas e negativas, ideais, e, portanto, de diferentes cenários de progresso” (Griffin, 2020). De tal forma que não podemos, nessa perspectiva, mais do que rejeitar a ideia da inexistência do fascismo na América Latina. Em última análise, entender as dimensões

globais e internacionais do fascismo requer compreender suas variações em nível nacional e as trocas intelectuais no espaço Atlântico e no mundo (Finchelstein 2019, 57).

Por outra parte, é importante ressaltar que no continente americano somente existiram *movimentos* fascistas: ou seja, os líderes fascistas não alcançaram o poder político como, sim, aconteceu na Alemanha e na Itália. Dessa forma, vários estudiosos do assunto tendem a justificar a inexistência de fascismo extra-europeu com base no argumento de que somente na Europa o fascismo chegou ao poder político. Ao fazê-lo, e como defende Benjamin Zachariah (2014, 63), acabam por rejeitar a ideia de que o fascismo foi uma “família de ideias, com origens, fundamentos intelectuais, estilos e organizações de movimento comuns”. Efetivamente, nos governos ou ditaduras ibero-americanas, as forças tradicionais acabaram rejeitando a aliança com os movimentos fascistas, provavelmente porque tinham receio que a mobilização alcançada por seus líderes carismáticos fizesse sombra nos seus regimes (Grecco, 2017). No caso do Brasil, o movimento fascista – ou seja, a Ação Integralista Brasileira – sucumbiu à perseguição do Estado Novo de Getúlio Vargas. Podemos afirmar que os regimes ibero-americanos “descartaram” uma alternativa que propusesse uma união “real” com os verdadeiros movimentos fascistas, tais como os de Plínio Salgado em Brasil, José Antônio Primo de Rivera na Espanha e Rolão Preto em Portugal (Grecco e Gonçalves 2022).

Modernismo e fascismo: o nascimento da Ação Integralista Brasileira

O modernismo é um termo genérico que contempla uma diversidade de iniciativas culturais, artísticas e políticas que, desde meados do século XIX, reagiu contra a modernidade ocidental (Barbian, 2013). O fascismo, como uma variante do modernismo, incorporou, assim, novas formas de ação política para realizar uma espécie de “regeneração sociopolítica”, bem como associar a tradição a uma visão modernista da sociedade. Esta interpretação do fascismo como uma forma de *modernismo programático* — ou seja, de um projeto cultural de renovação de práticas simbólicas e que teve como missão a criação de um novo mundo — foi formulada a partir de seu entendimento como o produto de uma rebelião contra a modernidade. Essa abordagem cultural do fascismo, desenvolvida pelo historiador inglês Roger Griffin, remete a uma nova formulação que surge do entendimento do fenômeno do fascismo como uma resposta ao modelo tradicional da sociedade de Estado-nação liberal. De acordo com Griffin (1998, 21-26), o fascismo deve ser entendido como um novo caminho em direção a uma modernidade alternativa e, concomitantemente, como uma variedade política do modernismo.

Onde o projeto modernista se articulou mais claramente foi na esfera artística e cultural, ganhando corpo em inúmeras visões artísticas como, por exemplo, o Futurismo, Expressionismo, Surrealismo e Dadaísmo. No entanto, o modernismo foi além das fronteiras artísticas e influenciou fenômenos sociais e políticos; e é, precisamente, neste contexto que o fascismo deve ser situado. Os intelectuais fascistas procuraram então criar um *homem novo* — e uma *mulher nova* — e uma civilização que superasse o modelo da burguesia liberal. Graças ao seu desejo modernista de mudança cultural, oferecendo uma resposta ao liberalismo “decadente” e uma alternativa ao comunismo, os artistas fascistas de vanguarda procuraram compreender os novos processos da modernidade e efetuar mudanças estruturais na sociedade.

Do outro lado do Atlântico, e mais especificamente na cidade de São Paulo, o modernismo surgiu a partir da realização da Semana de Arte Moderna em 1922. Como consequência da Semana, surgiram dois movimentos modernistas, o Pau-Brasil e o Verde-Amarelo, destacando o papel desempenhado por Plínio Salgado no segundo deles. A questão do nacionalismo tornou-se o eixo central das discussões entre os intelectuais e artistas do período. E, assim, os modernistas expressaram suas concepções artísticas e ideológicas por meio de manifestos. Em particular, Plínio foi um dos redatores do *Manifesto do Verde-Amarelo*, no qual expôs os objetivos do movimento artístico: “Temos que construir esta grande nação, integrando a Pátria Comum com todos os aspectos históricos, étnicos, sociais, religiosos e expressões políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi”. Por outro lado, o *Manifesto Pau-Brasil* (1924) e o posterior *Manifesto Antropofágico* (1928) buscaram reinterpretar a arte nacional. No Manifesto Antropofágico, a frase *Tupy or not tupy, that is the question* exemplifica bem os objetivos do grupo: a cultura europeia teria que ser devorada para incorporar suas virtudes, enquanto o próprio corpo, a cultura brasileira, deveria ser fortalecida.

Durante a década de 1930, Plínio Salgado, apesar de considerar o grupo Verde-Amarelo uma excelente via para desenvolver sua concepção nacionalista de cultura, julgou necessário aprofundar o debate ideológico e radicalizar o movimento. Por isso, fundou o Grupo Anta com um perfil ultranacionalista, o qual se tornaria a base para a posterior fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB). Segundo Leandro Gonçalves (2009, 120) este momento representou a ruptura de Salgado com os modernistas e com os verde-amarelos e, por conseguinte, a radicalização do seu pensamento. A partir daí, ele planejou a construção de um movimento político radical com pretensões fascistas: a AIB.

O Brasil, a partir dessa nova visão articulada pelos modernistas, seria uma síntese entre o primitivo e o inovador. Essa nova consciência nacional levou à politização das artes durante as décadas de 1920 e 1930. Para o integralista Pômpeo (1935, 9-13), a arte brasileira supunha a união

entre poesia, música, arquitetura, pintura e escultura em um mesmo princípio estético marcado, ao mesmo tempo, pelo nacionalismo e pelo tradicionalismo. Para ele, a arte deveria ter essa visão total e doutrinária, e não uma ideia fragmentada. Na verdade, Salgado pode ser considerado um dos intelectuais mais prolíficos de todos os ideólogos fascistas devido à sua elaboração mitológica da história brasileira — chamada de “síntese brasileira” — produto das tradições indígenas e do seu povo.

Os modernistas verde-amarelos também destacaram o problema da vida moderna que era caracterizada pelo “mal urbano”. O ritmo da cidade criava um individualismo exacerbado, em que cada pessoa buscava maximizar sua cota de conforto e prazer sem se preocupar com o coletivo. Para Plínio, o caboclo brasileiro (ou seja, o genuíno representante do “povo simples, pobre e honesto”) encarnaria os verdadeiros cidadãos da nação, distantes do materialismo das elites metropolitanas. Os habitantes do interior, especialmente o sertão, seriam os possuidores do espiritualismo primitivo da pátria, pois a influência cosmopolita havia destruído a consciência nacional ao rejeitar as tradições. Um bom exemplo dessas ideias foi o romance modernista de Plínio *O estrangeiro* (1926) — o qual revela a origem racial brasileira a partir da assimilação de diversas culturas —, realizando uma descrição e uma análise da vida do país e da cidade em tom nacionalista. Esta obra é considerada a precursora do movimento modernista verde-amarelo e a base do pensamento pliniano e, portanto, o início do integralismo brasileiro (Gonçalves 2008, 5). Na verdade, este romance foi considerado pelo próprio Plínio (1935) como o primeiro manifesto integralista. Para Trindade (1979, 48), o engajamento literário representou uma experiência mais importante para Salgado do que sua participação em atividades políticas. O ideal nacionalista, desenvolvido por primeira vez na literatura, alcançou significado político ao questionar o pensamento dominante e o sistema de valores da época.

Plínio, ademais, considerava que política e estética eram a mesma coisa, sendo sua primeira influência a literária, e não a político-ideológica. Ao mesmo tempo que via nas pessoas a alma da nacionalidade, considerava que deveriam ser guiadas pelas elites intelectuais e políticas do país. Sua visão concebia o intelectual como o sujeito mais bem preparado para conduzir a nação a uma nova era. Os intelectuais tinham a missão de “revelar” a nacionalidade em um contexto autoritário. Por essa razão, e ao serem considerados os únicos detentores do conhecimento, deveriam liderar o processo sociocultural de identificação da identidade nacional (Velloso 2003). No projeto integralista, a função da literatura e o peso dos intelectuais foram determinantes, e, portanto, os integralistas reconheceriam seu líder principal na figura de Plínio Salgado (Grecco, 2020). Nesse sentido, o espiritualismo pregado pelo movimento representava essa visão, a qual fazia prevalecer

o espiritual sobre o moral (Reale 1936, 11), além de valorizar os sentimentos e as ideias — expressadas através das artes — em oposição ao materialismo da cultura liberal iluminista. Portanto, tanto a literatura pliniana quanto o movimento integralista foram variações político-literárias do modernismo.

Fascismo tropical? A construção da Ação Integralista Brasileira

Ao longo da virada do século XIX até a década de 1930, algumas correntes de pensamento e vários intelectuais brasileiros passaram a defender uma posição autoritária: justificaram a necessidade de um Estado forte e se opuseram ao liberalismo por sua conexão com práticas oligárquicas, fraude eleitoral e a pouca participação política da população. Nesse sentido, a Revolução de 1930 abriu espaço para o surgimento de novos grupos e novas lideranças que queriam romper com o passado liberal. Em um contexto em que novos projetos e aspirantes a líderes começaram a tomar forma, as novas abordagens ideológicas antiliberais forneceram argumentos e ideias-chave para a formação de segmentos de uma nova “direita radical”. Foi nesse contexto que surgiram organizações como a Propaganda Nativista, o Pátria Nova e a Ação Social Nacionalista; novas teorias sobre o “autoritarismo”, como as formuladas pelos intelectuais Azevedo Amaral, Oliveira Viana e Francisco Campos; bem como publicações em revistas importantes da cena intelectual de direita, as quais serviram como elemento unificador de intelectuais para reflexão e divulgação ideológica, tais como *Hierarquia*, *Gil Blas*, *Cultura Política*, *Ciência Política*, *A Razão* e *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*.

Se prestarmos atenção especial ao fascismo neste contexto, seu surgimento coincidiu com uma era geral de autoritarismo político (Payne, 2014, 26). Seu surgimento favoreceu um processo de radicalização da direita, cuja consequência foi a implantação de uma política nacionalista radical em outras partes do mundo. Nessa mesma direção, iniciou-se um processo de fascistização de certos setores da direita radical no Brasil, que começaram a adquirir características de fascistas (Bertonha 2012, 133-150). Entendemos, portanto, que esse processo foi o principal motivo do surgimento de novas formações autoritárias que representariam uma ruptura radical com os padrões tradicionais da direita brasileira, como o Partido Fascista Brasileiro, o Partido Nacional Fascista, Partido Nacional Sindicalista e, sobretudo, a Ação Integralista Brasileira, principal grupo fascista do Brasil¹ e da América Latina. De acordo com o historiador Héglio Trindade (1979, 106), a fundação do movimento integralista não foi um acontecimento isolado, mas o resultado da

¹ Como destaca Roger Griffin em *Fascism*, Oxford, Oxford University Press, 1995, 234: “Brazilian Integralist Action (AIB) was [...] perhaps the only non-European fascism to bear direct comparison with Fascism or Nazism in their movement phase before seizing power”.

consolidação das ideias radicais da direita brasileira dos anos 1930 e da convergência de movimentos precursores que Plínio Salgado buscou integrar.

As primeiras reuniões integralistas se deram na cidade de São Paulo, numa salinha apertada da Avenida Brigadeiro Luiz Antônio (Anauê! 1937, 4), e, após diversas reuniões, no dia 7 de outubro de 1932, através do *Manifesto de Outubro* apresentado no Teatro Municipal de São Paulo, a AIB foi fundada por Plínio Salgado, *Chefe Nacional*. No dia 23 de abril de 1933, aconteceu a “primeira marcha” integralista, quando os *camisas verdes* desfilaram pelas ruas de São Paulo e, alguns anos depois, em 1935, o movimento se constituiu como partido político. El *duce* brasileiro, após sua viagem à Europa e do seu encontro com Benito Mussolini em 1930, voltou ao Brasil em êxtase com a Itália fascista, afirmando que o fascismo seria a luz da nova era: um movimento universal e internacional. Efetivamente, de acordo com Miguel Reale (1936, 13), embora “sejamos brasileiros, **nacionalistamente brasileiros** [...], ao mesmo tempo, apresentamos valores que se encontram também em movimentos fascistas europeus, como os de Mussolini, Hitler e Salazar”. Nesta fusão do que vinha de fora e do que vinha da “terra” (Reale 1936, 13), os integralistas começaram a articular o seu movimento.

Portanto, o movimento integralista – a versão brasileira do fascismo internacional – teve origem no início da década de 1930. Durante esses anos, a criação dos partidos políticos ainda era regulamentada pela Constituição brasileira; e é precisamente neste contexto que se deve situar o nascimento do AIB. Sua ascensão ocorreu em ritmo vertiginoso, e, assim, iniciou-se a negociação política com o presidente Getúlio Vargas, embora a relação entre o movimento e o presidente sempre foi construída desde a ambiguidade de ambas as partes. Além disso, foi o primeiro partido político brasileiro de extrema direita com implantação nacional e de massas, com milhares — ou possivelmente milhões — de seguidores por todo o país. Em dezembro de 1935, o partido contava com 1.843 núcleos em todo o Brasil, assim como nesta data haviam ingressado cerca de 700 mil membros na AIB (Anauê!, 1936).



Time de futebol dos integralistas de Porto Alegre. Centro de Documentação sobre a AIB e PRP no Arquivo DELFOS – Espaço de documentação e Memória cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Registro: NCR/AIB 004).

O movimento integralista, claro está, inspirou-se nos padrões do fascismo europeu em termos de propaganda, organização, símbolos e atividades. O movimento representava um “estilo de vida”, no qual os rituais simbólicos desempenhavam um papel central. Para isso, adotou como equivalente da suástica a letra grega sigma (Σ) — símbolo matemático da adição —, a saudação fascista — com a exclamação indígena *Anaué*² —, as camisas verdes, o lema *Deus, Pátria e Família*, e a organização de complexos rituais políticos de integração como assembleias e desfiles. O conceito de “integral” estava relacionado a essa visão “total” e orgânica do movimento, no qual participavam homens, mulheres, jovens e crianças. Sua organização paramilitar buscava reforçar os laços entre a comunidade integralista, através de espaços coletivos e ritualísticos (como times de futebol, casamentos integralistas, construção de escolas ou de ambulatórios dentários) e de uma rígida hierarquia organizativa. Dentro deste aspecto de assistência social, o partido teve um papel importante ao construir, além de ambulatórios dentários, diversas escolas (como a *Escola Caetano Spinelli*, em São Paulo, ou a *Escola Plínio Salgado*, em Cambuquira), “lactários”, ambulatórios médicos para socorro de necessitados, bem como edificou um serviço de restaurantes populares (como o *Pão de Cada dia*, em Guanabara) e uma espécie de banco para fornecer empréstimos aos integrantes do movimento (o *Empréstimo do Sigma*)

² Embora se costuma afirmar que a palavra tem origem tupi, de acordo com Luiz de Câmara Cascudo, *anaué* é uma palavra da língua dos Parecí, índios Nuaruaques, da antiga província do Mato Grosso. O termo é um grito que significa “unido-aos-outros-iguais, de solidariedade, de reunião, de agrupamento, de toque-de-reunir. O emprego como aclamação seria uma aclimação da voz militar nos cerimoniais civis” (Câmara Cascudo 1936, 30).

As mulheres signatárias desempenharam um papel relevante na assistência social, mas não só neste âmbito. Como em todos os movimentos fascistas surgidos pelo mundo³, como destaca Jefferson Rodrigues Barbosa (2013), as *blusas verdes*, embora desempenhassem um papel subordinado dentro do sistema integral, foram muito importantes no desenvolvimento da organização; especialmente na difusão da doutrina integralista com o seu labor educativo e propagandístico, além de ter uma atuação importante na formação das crianças no partido, preparando as futuras gerações, ou seja, os futuros *adultos integrais*: os plinianos. Para o integralismo, a mulher não era nem superior nem inferior ao homem, mas sim diferente, pois “não se podem comparar coisas heterogêneas”; estas haviam adquirido diversos direitos, colocando-as “no mesmo plano intelectual” e libertando-as dos “preconceitos”, e o integralismo, neste sentido, deveria arrancá-las de posições subalternas ou masculinistas, e tornar a mulher integral a “viga mestra da sociedade, fazê-la a revolucionária de corações e ideias” (Anauê 1936, 31).

Numa enquete realizada pela revista *Anauê!* às *blusas verdes*, perguntava-se as razões para que elas tivessem entrado no movimento e qual era a sua missão dentro dele. A grande maioria destacou o papel relevante que elas tinham na assistência social, na educação, na caridade e, inclusive, no seu papel de sacrifício pela pátria. Em relação às suas motivações, destacaram que o movimento lhes dava um novo sentido de vida e que este também reunia a felicidade terrestre sem prejudicar a vida eterna — ou seja, valorizavam o clima espiritual do movimento, o qual conectava política, caridade e religião (Anauê! 1937, 62). Entre algumas destas mulheres que tiveram destaque no movimento dentro do Departamento Nacional Feminino do movimento, encontram-se Irene de Freitas Henriques, Carmela Salgado, Inah G. K. Vinard, Ercilia Simão, Waldette Rodrigues, Iracy Guadrelli Padilha, Sylvia Pietrobom, Rita da Rocha da Silva e Ruth Pereira da Silva.

³ Ver: MORANT i ARIÑO, Toni. “Para influir en la vida del estado futuro: dis-curso -y práctica- falangista sobre el papel de la mujer y la feminidad, 1933-1945”. *Historia y Política*, 27 (2012), 113-141; BARRERA, Begoña. *La Sección Femenina 1934-1977. Historia de una tutela emocional*. Madrid: Alianza Editorial, 2019; BOCK, Gisela. “Nazi Gender Policies and Women’s History”. Em: DUBY, Georges, e PERROT, Michelle. *History of Women in the West: Toward a Cultural Identity in the Twentieth Century*. Londres: Belknap, 1994, pp.158-192.



Blusas verdes do Departamento Feminino de Barra Mansa (Rio de Janeiro).

Ao centro encontra-se a chefe Maria Amólia. Centro de Documentação sobre a AIB e PRP no Arquivo DELFOS – Espaço de documentação e Memória cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Registro: Fundo 1, AIB, série 5 - *Anauê!*, outubro 1935, ano 1, Nº 4, 29).

A integralista Nilza Pérez, em um artigo intitulado *O integralismo e a mulher*, destacou o papel da mulher integralista em sua condição de “mãe, esposa e filha”, ao estimular a alegria “ao lado do homem”, e lutando contra o “feminismo dissolvente e corruptor” (*Anauê!* 1936, 8). Neste sentido, o integralismo concebeu as estruturas de gênero de forma hierarquizante e como elemento central na sua ideologia e sistema organizativo. Se, por um lado, a feminidade integralista se construiu em base, principalmente, de uma ideia de que em estas residiam o “ventre nacional” e o papel de educadoras, por outro lado, a masculinidade foi vista como o elemento mais natural da política fascista. Dentro desta visão, os intelectuais e os ideólogos integralistas buscaram criar um arquétipo masculino hegemônico, o *homem integral* e, com ele, uma nova civilização capaz de derrubar o modelo de homem e de sociedade liberal-burguesa. Estes incorporariam o que Connell (1987) chamou de “masculinidade hegemônica”, entendida como um ideal cultural que promove a criação de masculinidades exemplares ao exercer hegemonia interna no grupo de homens em uma sociedade. Mas o que era o *homem integral*? Para Pedro Ivo Dias Tanagino e Leandro Pereira Gonçalves (2012), tratava-se de uma concepção masculina marcada por um ideal autoritário, hierárquico e patriarcal, no qual este arquétipo representaria a ideia perfeita de ser para o “aperfeiçoamento da civilização”: um indivíduo que representaria o coletivo por meio das suas qualidades, tais como o sentido de futuro, de devoção a Deus e ao Partido, um homem espiritual, com capacidade de liderança, com uma atitude de entrega, de serviço e sacrifício.



Camisas e blusas verdes gaúchos (Porto Alegre). Centro de Documentação sobre a AIB e PRP no Arquivo DELFOS – Espaço de documentação e Memória cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Registro: NCR/AIB 013).

O que também torna a AIB um movimento original entre os diferentes fascismos europeus e latino-americanos é a importância que este deu ao espiritualismo católico, somado ao esforço de criar uma síntese original de ideias baseadas no caráter multicultural brasileiro. Dessa forma, a peculiar versão brasileira do fascismo caracterizou-se pelo forte peso de elementos católicos, embora sem subordinação ao reacionarismo religioso. O caráter tradicional do movimento liderado por Plínio Salgado baseava-se na doutrina social da Igreja e nas questões fundamentais de renovação de suas elites. Por esta razão, muitos intelectuais católicos e uma massa de praticantes simpatizavam com o movimento. Seus ideólogos se proclamaram defensores da espiritualidade contra os males do materialismo na sociedade moderna e urbana, representada pelo liberalismo e pelo comunismo. Portanto, os integralistas declararam que sua filosofia política envolvia a revalorização do espiritualismo cristão e a busca pela espiritualização das massas.

No entanto, é interessante destacar, como argumentaram os historiadores Gonçalves e Pimenta (2019, 277), que não havia somente cristãos entre os integralistas: na AIB “abriu-se espaço para a arregimentação de praticantes oriundos de diversas denominações religiosas cristãs e, também, de espíritas para o movimento”. Isso porque o seu discurso colocou o foco no elemento “espiritualista” do movimento, já que o integralismo não admitia exclusividade de uma religião “por aceitar todas as religiões que adoram um Deus, amam a Pátria e respeitam a família”, como foi destacado na revista *Anauê!* por Padre Mello (1935). Esta ideia também foi ressaltada por um dos maiores líderes signatários, Miguel Reale (1936, 11), quando argumenta que o movimento reunia “católicos, protestantes e espíritas, e ainda nenhum integralista, com suficiente autoridade, fez

exclusão desta ou daquela crença, nem será possível qualquer sectarismo nas nossas fileiras”. Por isso, os integralistas defendiam uma “frente única espiritual” (Anauê! agosto 1935, 7).

Devemos também ressaltar a dimensão étnico-racial da ideologia integralista. Para os camisas verdes, a sociedade brasileira diferia em termos comparativos da sociedade europeia por sua composição multiétnica e multirracial. Esta característica intrínseca da sociedade brasileira que, para alguns dos seus líderes e seguidores, era compatível com o antissemitismo⁴, revelou-se como um componente unificador do fascismo brasileiro. Gustavo Barroso, por exemplo, apontou em seus escritos um conjunto de elementos distintivos no campo político dos judeus, como sua suposta relação com o capitalismo financeiro internacional ou com o comunismo, que os tornava indesejáveis como grupo. Embora o antissemitismo não possa ser considerado um dos pilares da ideologia integralista, é preciso ressaltar que, de certa forma, os judeus não foram incluídos entre os grupos que compõem a miscigenação étnico-racial brasileira proclamada pela AIB. Salgado e Reale defenderam sua “assimilação” apenas com a condição de não estarem vinculados ao “capitalismo internacional”. Desta forma, e como argumenta Trindade (2016), a dimensão antissemita esteve presente no universo ideológico tanto de militantes signatários quanto de alguns dos seus principais líderes.

Em relação aos afro-brasileiros, Gabriel Predebon (2019, 249) ressalta que “a posição da AIB em relação ao negro não é explicitada de forma direta, mas se pode depreender elementos para a compreensão do movimento em relação ao negro”. Para os signatários, o objetivo principal do movimento consistia em unir o povo brasileiro em um só espírito dentro de uma perspectiva nacionalista. Para isso, buscou-se criar entre os militantes um sentimento ultranacionalista e de consciência da sua “brasilidade”, com o fim de construir uma nova civilização: uma civilização tropical, cheia de delicadeza e de espiritualidade cristã⁵. Precisamente, a participação e inclusão de vários negros nas fileiras da AIB foi fundamental (Cruz, 2004; Grecco, 2018), embora seus líderes fossem em menor número. Destacam-se, entre os que tiveram cargos de relevância ou certo destaque, João Cândido, Dario de Bittencourt⁶, Mário Brasil de Araújo, Reis Vidal, Madeira de Freitas, Edith Gomes Soares de Pinho e Nysia de Nascimento Guedes. Para Karin Sant Anna Kossling (2004), o que atraiu os afro-brasileiros para ingressarem às fileiras da AIB, sem dúvida, foi a ideia de integração nacional que se fomentava nos discursos do movimento.

⁴ Sobre essa questão ver: CHOR MAIO, Marcos: *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento antissemita de Gustavo Barroso*, Rio de Janeiro, Imago, 1992; CALDEIRA NETO, Odilon: *Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o contorno*, Dissertação de Mestrado, UEM, 2011; CYTRYNOWICZ, Roney: *Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930*, Dissertação de Mestrado, USP, 1992.

⁵ Reale, Miguel: *Obras políticas (1 fase -1931-1937)*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, v1-v3, 1983, p. 168.

⁶ Chefe provincial da Província do Rio Grande do Sul.

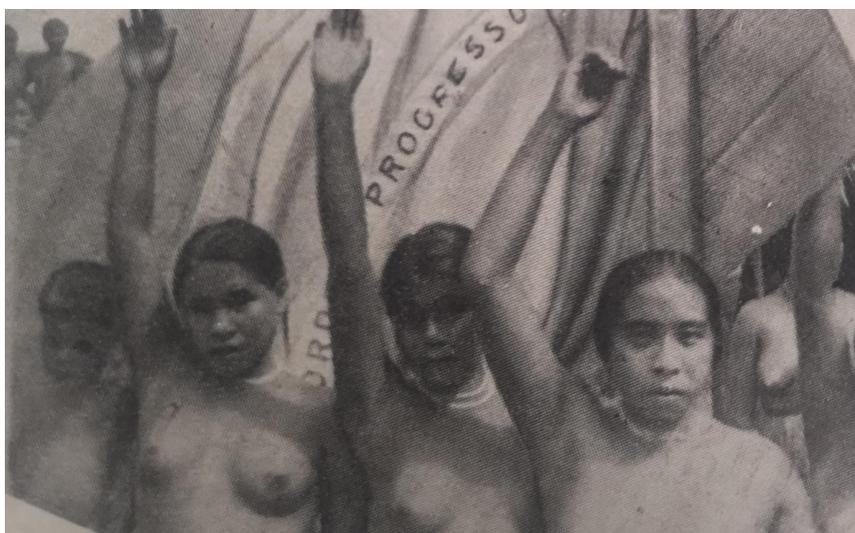
Nesse sentido, há uma diferença muito evidente sobre a ideia de raça entre os diferentes fascismos, especialmente se comparamos aqueles surgidos na América Latina com os do continente europeu. Assim, enquanto o racismo integralista se baseava na “exclusão para integração”, a partir de uma proposta de miscigenação étnico-racial, o nazismo alemão se baseava na exclusão por raças ao enfatizar e valorizar a “pureza racial”. Para os integralistas, a “doutrina moderna de raças” tinha sido mal compreendida por alguns, já que o “pensamento racista não se identificava com o menosprezo de outras raças”; o que argumentavam é que as nações deveriam guardar e desenvolver as “características” próprias das suas próprias raças e, por isso, no caso alemão, rejeitava-se o “cruzamento quando considerado prejudicial para ambas as partes” (Anauê!, 1935, 20). Nesse sentido, a visão racista da doutrina integralista propunha que a raça brasileira estava composta pela integração de várias raças e Plínio Salgado, por sua vez, era o grande “intérprete da Raça brasileira”.



Integralistas reunidos em Lajeado. Foto editada para destacar a diversidade étnica dos membros do movimento. Centro de Documentação sobre a AIB e PRP no Arquivo DELFOS – Espaço de documentação e Memória cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Registro: BAT/AIB 005).

Também o elemento indígena foi sumamente importante. Este foi considerado a base da raça de todos os brasileiros, sendo um elemento que esteve presente nos símbolos e discursos integralistas, inclusive desde uma visão idealista: os indígenas seriam os povos mais abertos à miscigenação (especialmente com os brancos) e culturalmente pacíficos. Como destacou Pujol (1935, 20), ninguém melhor que o “índio-soldado” para ser a “sentinela avançada da soberania de nossa pátria”. De fato, de acordo com uma reportagem na revista *Anauê!*, em 1935, havia 5 mil indígenas integralistas provenientes de comunidades do Amazonas, os quais tinham sido catequizados e doutrinados através das “bandeiras integralistas” coordenadas por Paulo Eleuthério, fundador do núcleo integralista em Manaus (Anauê! 1935, 15). Claramente, o discurso “antirracista”

e paternalista dos *camisas verdes*, na realidade, encobria uma ideia subjacente: o que se pretendia era realizar o branqueamento (Cruz 2014; Barreto Júnior 2021) e a evangelização da população indígena por meio do discurso da miscigenação étnico-racial e cultural. Neste sentido, Plínio Salgado, através da narrativa indigenista, destacou o espírito igualitário da nação brasileira através da impressionante “democracia racial” existente, fruto da fusão entre três grupos: os indígenas, os negros e os brancos. Porém, cabe destacar que essa ideia não foi algo exclusivo dos camisas verdes. Efetivamente, esta visão sobre o Brasil foi compartilhada por vários intelectuais do período — incluindo Gilberto Freyre, em seu livro *Casa-Grande & Senzala*.



Indígenas integralistas. Centro de Documentação sobre a AIB no Arquivo DELFOS – Espaço de documentação e Memória cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (Registro: Fundo 1, AIB, série 5 - *Ananê!*, maio 1935, ano 1, Nº2, 15).

Dentro de esta ideia de criação de uma nova civilização mestiça, Plínio Salgado e Gustavo Barroso desenvolveram uma interpretação global da história da humanidade em suas obras *A Quarta Humanidade* (1934) e *O Quarto Império* (1935). Os teóricos fascistas associaram o crescimento da AIB com o surgimento de uma “quarta era” da humanidade — uma variação da evolução histórica triádica dos ideólogos fascistas do Terceiro Reich e da Terceira Roma. Essa “nova era”, ressurgente na América, representava não só uma realidade geográfica, mas, sim, e especialmente, um mito utópico. A construção de uma nova civilização foi proposta baseada nos princípios espiritualistas do integralismo que tinha como projeto impor uma moralidade harmoniosa no mundo material. Além disso, a proclamação de uma nova “Era” estava conectada à concepção nacionalista, étnico-racial de uma nova sociedade e cultura enraizada no continente americano, lugar onde diversas raças e culturas se encontrariam.

A modo de conclusão: fascismo no pós-guerra?

Após a promulgação da Constituição de 1937 e com a extinção das formações políticas no mesmo ano pela ditadura Vargas, foi negociada a transformação da AIB em Associação Cultural (com o nome de Associação Brasileira de Cultura). No entanto, logo após o seu registro, a Associação foi cancelada, sendo proibida qualquer manifestação ou publicação integralista. O papel secundário concedido por Vargas à AIB certamente não se coadunava com as extravagâncias fascistas que aspiravam à transformação radical da nação e ao “redirecionamento” da história. Isso levou à ruptura iminente entre o executivo e os *camisas verdes*, levando a uma tentativa de golpe por estes últimos em maio de 1938. Após o fracasso do levante integralista, centenas ou talvez milhares de militantes foram condenados à prisão. Nessa perseguição política, porém, as grandes personalidades do movimento não tiveram problemas excessivos, com exceção de Plínio, quem se exilou em Portugal, ou Miguel Reale, que fugiu para a Itália. Esse episódio marcou a desintegração da AIB, a qual começou a perder força no cenário político brasileiro.

No entanto, segundo Gilberto Calil (2001), o fim do AIB não significou o fim de suas atividades. Algumas organizações, como a Cruzada Juvenil da Boa Imprensa ou o Appolo Sport Club, buscavam reconstruir uma rede que conectasse os antigos integralistas. Concomitantemente, Plínio Salgado reelaborou uma nova versão do integralismo do pós-guerra a partir das experiências portuguesas em torno de um discurso inspirado na democracia cristã. Em Portugal, Salgado “flertou” com os nazistas, teve até encontros com representantes da Gestapo, mas encontrou segurança na religião para o desenvolvimento de suas ações políticas. Em 1943, publicou a obra *Vida de Jesus*, sendo chamado de “quinto evangelista” ou “quinto colunista” por considerar-se o representante do fascismo em Portugal e no Brasil (Caldeira Neto e Pereira Gonçalves, 2020).

Recentemente, os *fascistólogos* sentiram a necessidade de investigar as complexas relações entre o fascismo de entreguerras (“clássico”) e o fascismo do pós-guerra; e o caso do Brasil é bastante interessante por existir claras continuidades. Para Constantin Iordachi (2010: 1), “a influência do fascismo se estende muito além do período entre guerras. [...] O legado do fascismo teve forte impacto na política pós-1945 e ressurgiu com vigor no mundo pós-Guerra Fria, levando estudiosos a falar de *neofascismo*”. Neste sentido, o fascismo brasileiro da pós-guerra esteve muito conectado a Plínio Salgado: este fundou o Partido de Representação Popular (PRP), o qual representou, de acordo com Guido Mondin, um partido que reuniu os *camisas verdes*, sendo, portanto, herdeiro do legado integralista.

Nas eleições para presidente de 1955, Salgado obteve um sucesso surpreendente: alcançou o número de 714.379 votos (8,3% do total). Após essa derrota, conseguiu ser eleito como deputado

federal (em 1958 e depois em 1962). Em outras palavras, o principal líder fascista brasileiro passou a ter um espaço de atuação governamental, o qual se estendeu até o período da Ditadura civil-militar, através da formalização do seu apoio ao partido do general Castelo Branco. Em 8 de dezembro de 1975, faleceu o líder integralista (Caldeira Neto e Pereira Gonçalves 2020). No entanto, é evidente que a extrema direita — e, com ela, o legado fascista — persiste na política brasileira. Atualmente, vivemos uma nova onda da extrema direita, a qual foi chamada por Enzo Traverso de “pós-fascismo”, em sua obra *The new faces of fascism*. Como ressaltou Ece Temelkuran (2019, 266), no seu livro *Cómo perder un país. Los siete pasos de la democracia a la ditadura*, esperemos que o “velho” morra logo e que possamos nos reinventar, não sozinhos à margem, mas “agindo em unísono no centro da arena e transformando-o em uma *ágora* global”.

Referências bibliográficas

Anauê!, Rio de Janeiro, ano 1, Nº 2, maio 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro ano 1, Nº 4, outubro 1935.

Anauê!, Rio de Janeiro, Nº 7, janeiro 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, Nº 11, julho 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, Nº 12, setembro 1936.

Anauê!, Rio de Janeiro, Nº 13, março 1937.

Anauê!, Rio de Janeiro, Nº 18, agosto 1937.

Barbian, Jan-Pieter. *The politics of literature in nazi Germany. Books in the media dictatorship*. Londres: Bloomsbury Academic, 2013.

Barrera, Begoña. *La Sección Femenina 1934-1977. Historia de una tutela emocional*. Madrid: Alianza Editorial, 2019.

Barreto Júnior, Francisco Celso Lourido. “O Integralismo na cidade da selva: O fascismo e as ideias nativistas no estado do Amazonas”. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.6, jun. 2021, 64495-64514.

Barroso, Gustavo. *O Quarto Império*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Bertonha, João Fábio. “A direita radical brasileira no século XX: do monarquismo e das ligas nacionalistas ao fascismo e à ditadura militar (1889-2011)”, *Ediciones Universidad de Salamanca*, nº 30, 2012, 133-150.

Bock, Gisela. “Nazi Gender Policies and Women’s History”. Em: DUBY, Georges, e PERROT, Michelle. *History of Women in the West: Toward a Cultural Identity in the Twentieth Century*. Londres: Belknap, 1994, 158-192.

Caldeira Neto, Odilon. “Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo: entre a relativização e o contorno”. Dissertação, Maringá, UEM, 2011.

Caldeira Neto, Odilon, e Pereira Gonçalves, Leandro. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

- Calil, Gilberto. *O integralismo no pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- Câmara Cascudo, Luiz de. “Que quer dizer Anauê?”. *Ananê!*, Rio de Janeiro, Nº12, setembro 1936, 29-30.
- Chor Maio, Marcos. *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento antissemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- Connell, Raewyn. *Gender and Power: society, the person and the sexual politics*. Standford: Standford University Press, 1987.
- Cytrynowicz, Roney. “Integralismo e antissemitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 1930”. Dissertação, São Paulo, USP, 1992.
- Cruz, Natalia dos Reis. *O integralismo e a questão racial: a intolerância como princípio*. Tese, Rio de Janeiro, UFF, 2004.
- Felice, Renzo de. *Intervista sul fascismo*. Roma-Bari: Laterza, 1975.
- Finchelstein, Federico. *Do fascismo ao populismo na História*. São Paulo: Almedina Brasil, 2019.
- Forti, Steven. *Extrema derecha 2.0. Qué es y cómo combatirla*. Madrid: Siglo XXI, 2021.
- Gonçalves, Leandro Pereira. “Literatura integralista: o nacionalismo latente e o espírito imigratório de Plínio Salgado em O estrangeiro”, *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 sept. de 2008.
- Gonçalves, Leandro Pereira. “A intelectualidade integralista: nacionalismo e identidade na literatura de Plínio Salgado”, *Locus. Revista de História*, Juiz de Fora, v.15, n.º 1, 2009, 111-128.
- Gonçalves, Leandro Pereira e Pimenta, Everton. “O cristianismo de camisa-verde: as relações do integralismo com o universo religioso”. Em: Gabriela de Lima Grecco e Odilon Caldeira Neto (org.). *Autoritarismo em foco. Política, Cultura e Controle social*. Autografia: Rio de Janeiro, 2019, 251-286.
- Gonçalves, Leandro Pereira, e Dias Tanagino, Pedro Ivo. “Simbologia E sugestão: Ideal De Homem Integral.Em Protocollos E Rituaes (1937)”. *Temáticas* 20 (39) 2012. Campinas, 181-98.
- Grecco, Gabriela de Lima. *De la pluma como oficio a la pluma oficial: estado y literatura durante los nuevos estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945)*. Tese, Madri, Universidad Autónoma de Madrid, 2017.
- Grecco, Gabriela de Lima. “El fascismo tropical: literatura y Ação Integralista Brasileira”. *Ayer*, nº.111, 2018, 253-282.
- Grecco, Gabriela de Lima. *Literary Censorship in Francisco Franco’s Spain and Getulio Vargas’ Brazil, 1936-1945. Burning Books, Awarding Writers*. Brighton: Sussex Academic Press, 2020.
- Griffin, Roger. *International Fascism: Theories, Causes and the New Consensus*. Londres: Arnold, 1998.
- Griffin, Roger. *Modernismo y fascismo*. Madrid: Akal, 2010.
- Griffin, Roger. *Fascismo*. Madrid: Alianza, 2018.
- Griffin, Roger. *Fascism*. Oxford: Oxford University Press, 1995
- Griffin, Roger. Rethinking the “fascist era”: the gravitational pull of the Axis Powers on political regimes in Europe and Latin America. *Workshop Virtual Internacional: Repensando las relaciones de las dictaduras europeas y latinoamericanas en clave transnacional desde el final de la Primera Guerra Mundial hasta el final de la Guerra Fría*, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2020.
-

- Gentile, Emilio. *Fascismo. Historia e interpretación*. Madrid: Alianza, 2002.
- Iordachi, Constantin (ed.). *Comparative fascist studies. New Perspectives*. Londres: Routledge, 2010.
- Kossling, Karin Sant Anna. “Os afrodescendentes na Ação Integralista Brasileira”. *Histórica*, São Paulo, v. 14, 2004, 19-24.
- Mello, Padre. “Conceitos integralistas”. *Anauê!*, Rio de Janeiro, Nº1, janeiro 1935.
- Morant i Ariño, Toni. “Para influir en la vida del estado futuro: dis-curso -y práctica- falangista sobre el papel de la mujer y la feminidad, 1933-1945”. *Historia y Política*, 27 (2012), 113-141.
- Nolte, Ernst. *Three faces of fascism: Action Française, Italian Fascism, National Socialism*. Nueva York; Chicago; San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1966.
- Payne, Stanley. *El fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2014.
- Paxton, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- Pompeo, Antônio. *Por que sou integralista?*, São Paulo, Emp. Graph Revista dos Tribunais, 1935.
- Predebon, Gabriel. “O integralismo e a questão racial nas páginas do jornal A Marcha”. Em: Leandro Pereira Gonçalves; Renata Duarte Simões. (Org.). *Entre Tipos e Recortes: memórias da imprensa integralista*. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, v. 3, 249-275.
- Pujol, Comandante. “O irmão índio”. *Anauê!*, Rio de Janeiro, Nº 5, 5 de dezembro de 1935, 18-20.
- Reale, Miguel. “Nós e os fascistas da Europa”. *Panorama*, ano 1, São Paulo, junho de 1936, 11-18.
- Reale, Miguel. *Obras políticas (1 fase -1931-1937)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v1-v3, 1983.
- Rodrigues Barbosa, Jefferson. “A mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher e coração de criança”. Em: *Dos papéis de Plínio: Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a Historiografia Brasileira*. Maria Teresa de Arruda Campos, Renato Alencar Dotta (org.). Rio Claro: Oca Editora, 2013, 73-92.
- Salgado, Plínio. *A Quarta humanidade*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1934.
- Salgado, Plínio. *Despertemos a nação!*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1935.
- Secco, Lincoln. “Prólogo”. Em: GOLDSTEIN, Ariel. *Bolsonaro: La democracia de Brasil en peligro*. Buenos Aires, 2019, 1-7.
- Temelkuran, Ece. *Cómo perder un país. Los siete pasos de la democracia a la dictadura*. Barcelona: Anagrama, 2019.
- Trindade, Hélió. *Integralismo, o fascismo brasileiro na década de trinta*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- Trindade, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.
- Velloso, Mônica Pimenta. “O modernismo e a questão nacional”. Em: Jorge Ferreora e Lucília de Almeida Neves Delgado, Lucília(org.). *O Brasil Republicano, o tempo nacional-estatismo no início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 353-385.
- Zachariah, Benjamin. A voluntary Gleichschaltung? Indian perspectives towards a non-eurocentric understanding of fascism. *The Journal of Transcultural Studies* 5 (2), 2014, 63-100.

Recebido: 14 de março de 2022

Aprovado: 03 de maio de 2022